

GÊNEROS TEXTUAIS COMO INSTRUMENTO PARA O ESTUDO DA LÍNGUA NO CURSO DE PEDAGOGIA DO PROGRAMA PLATAFORMA FREIRE DO DEDC - X

Helânia Thomazine Porto Veronez¹

Resumo

Este dossiê descreve e analisa algumas atividades realizadas no componente curricular Língua Portuguesa, oferecido no terceiro módulo do Curso de Pedagogia do Programa Plataforma Freire – PARFOR. Assim, toda a discussão teórico-metodológica aqui apresentada insere-se na concepção sócio-interativa acerca do estudo da língua. A língua abordada em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Foi nesse contexto que as produções de textos dos discentes se constituíram como objeto e tema de estudo da língua. Ao adotar a abordagem didática do texto como percurso para o estudo da língua elegeu-se a produção de diferentes gêneros textuais, por considerarmos que essa ação possibilitaria ao discente maior protagonismo, tendo como resultado a produção de diferentes textos e a compreensão da escrita como uma atividade interativa, socializadora de conhecimentos, que possibilita o acesso ao conhecimento linguístico. Nesse sentido, as produções textuais foram orientadas a partir do estabelecimento de diálogos entre quem escreve e para quem escreve, abordando o gênero textual como “mega-instrumento” de comunicação e de ensino. (conforme BAKHTIN, 2006).

Palavras-chave: Produção textual. Formação de Pedagogos(as). Ensino da Língua Portuguesa; Gênero textual. Gêneros Textuais.

Abstract

GENDER AS A TOOL FOR TEXTUAL STUDY OF LANGUAGE COURSE OF PEDAGOGY PROGRAM OF PLATFORM FREIRE DEDC - X

This brief describes and analyzes some activities in curricular component Portuguese, offered the third module of course Freire Pedagogy of Platform Program - PARFOR . Thus , all the theoretical and methodological discussion presented here is part of the socio- interactive conception of language study . The language addressed in its discursive and enunciative

¹ Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, do Departamento de Educação - Campus X. Leciona nos cursos de Letras e Pedagogia, atuando principalmente nos seguintes componentes curriculares: Educação e linguagem, Semiótica; Língua e Cultura Indígena (no curso de Letras) e História e Cultura Indígena (no curso de Pedagogia). Desenvolve projeto de pesquisa em Educação, arte e cultura indígena. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens, atuante na linha de pesquisa: Língua, linguagens, significação e identidade.

aspects , and not their formal peculiarities . This view follows a notion of language as a social , historical and cognitive activity . Focuses on functional and interactive nature and not formal structural aspect of language . It was in this context that the productions of texts the students were constituted as an object and subject of study of the language . By adopting the didactic approach of the text as a route to the study of language was elected the production of different textual genres , because we believe this action would enable the student major role , resulting in the production of different texts and understanding of writing as an activity interactive , socializing knowledge , which enables access to linguistic knowledge . In this sense , the textual productions were directed from the establishment of dialogue between the writer and the writer , addressing the genre as " mega - instrument " of communication and education. (according to Bakhtin , 2006) .

Keywords: Textual production. Training Educators (as). Portuguese Language Learning. Genre. Textual Genres.

1 INTRODUÇÃO

Este dossiê descreve e analisa algumas atividades realizadas no componente curricular Língua Portuguesa, oferecido no terceiro módulo do Curso de Pedagogia do Programa Plataforma Freire – PARFOR. Assim, toda a discussão teórico-metodológica aqui apresentada insere-se na concepção sócio-interativa acerca do estudo da língua.

Assim, a língua foi abordada em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Foi nesse contexto que as produções de textos dos discentes se constituíram como objeto e tema para o estudo da língua.

O componente curricular Língua Portuguesa tem como ementa: “Aprofunda o estudo e o conhecimento da língua na diversidade de seus níveis e registros. Exercita a expressão oral e escrita pela leitura e produção de textos. Promove o conhecimento dos fatores de textualidade: coerência e coesão. Analisa, discute e aplica os aspectos gramaticais: acentuação, concordância e regência”. O que possibilitou adotar a abordagem didática do texto como percurso para o estudo e a produção de diferentes gêneros textuais.

Nesse sentido, as aulas foram delineadas com o objetivo de possibilitar aos professores em formação: (i) ler, analisar e produzir textos em diferentes gêneros discursivos, atentando-se para os aspectos gramaticais, discursivos e para os fatores de textualidade; (ii) analisar os fatores de textualidade, a partir dos textos produzidos e (iii) estudar a língua, compreendendo-a na sua função sócio interacionista.

A inserção do texto como unidade de ensino na língua não é novidade nas propostas curriculares. Geraldi na obra *O texto na sala de aula – leitura e produção* (1984), já apontava o texto como a principal unidade de trabalho do educador de português. Alertava também que o texto não deveria servir de pretexto ou apenas suporte para o estudo da ortografia e da gramática, mas que deveria penetrar na sala de aula como objeto de práticas de leitura e de efetiva produção de textos situados.

Adotou-se a prática de leituras e produção de gêneros como percurso para o estudo da língua, por considerarmos que essa ação possibilitaria ao discente maior protagonismo, tendo como resultado a produção de diferentes textos e a compreensão da escrita como uma atividade interativa, socializadora de conhecimentos, que possibilitasse o acesso ao conhecimento linguístico, conforme defendem Kaufman e Rodriguez (1995, p. 146), “O texto, produto da atividade verbal humana, é uma unidade semântica de caráter social que se estrutura mediante um conjunto de regras combinatórias de elementos textuais e oracionais para manifestar a intenção comunicativa do emissor.”

Partindo dessa premissa, elaboramos o planejamento com ênfase em atividades de leitura e produção textuais mais autônomas, menos prescritivas; como objeto privilegiado de ensino os tipos de gêneros textuais e as modalidades discursivas, numa perspectiva interacionista, o que implicou o envolvimento dos sujeitos em todo o processo.

Freire (2001, p. 51), diz que “toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador” e que esta postura implica “uma concepção dos seres humanos e do mundo”. Esse processo de orientação do ser humano no mundo não pode ser compreendido de um ângulo puramente subjetivista ou de um ângulo objetivista mecanicista; esse processo só pode ser compreendido na “unidade dialética entre subjetividade e objetividade”.

A defesa de Freire (2001) aponta para uma educação que gere um discurso que seja caracterizado pela comunicação e não por simples comunicados, de uma educação orientada para a autenticidade, que permita ao homem usar a sua palavra e descobrir-se produtor de cultura. Uma prática em que ganhem espaço as formas de aprender a partir de uma abordagem centrífuga e não centrípeta (em que a ação de aprender está centrada na transmissão e assimilação autoritárias).

Nesse sentido, as produções textuais foram orientadas a partir do estabelecimento de diálogos entre quem escreve, como e para quem escreve, abordando o gênero como “mega-instrumento” de comunicação e de ensino. (BAKHTIN, 2006).

2 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS A PARTIR DE GÊNEROS TEXTUAIS NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS(AS)

O estudo da língua por meio da leitura e produção textual dará conta do letramento dos discentes? Foi essa a inquietação que esteve presente durante os estudos da Língua Portuguesa, durante o período de 15/09/2011 a 04/12/2011. Não há aqui a pretensão de se defender que a metodologia adotada seja a única e a melhor, mas foi essa que conscientemente escolhemos, uma vez que nas avaliações realizadas sobre o desempenho da turma quanto às suas competências linguísticas não eram animadoras. Coletivamente (educadores, coordenadora e representante dos discentes, nas reuniões de colegiado do curso) ponderou que era urgente uma formação educacional que girasse em torno do letramento dos discentes e da formação de leitores e de produtores textuais.

O estudo da língua com os pedagogos demandou que as aulas fossem estruturadas¹ a partir de práticas de leitura e de escrita, orientando os discentes a produzirem diversos textos, tanto escritos como orais. E nesses exercícios delimitamos alguns gêneros, pois, é impossível estudar todos os gêneros textuais, uma vez que estes se caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas.

O estudo da língua numa perspectiva interacional que teve como finalidade a ampliação das competências comunicativas ler e escrever textos, naquele momento, com ênfase nos diferentes gêneros textuais, em concordância com estudos de Bakhtin (2006), que defende que no processo de construção de identidade em relação à palavra é essencialmente dialógica, isto é, é a própria palavra que, entremeando e permeando todas as ações humanas, vai tecendo a história e a cultura. Ideologias que vão ao encontro das de Freire (1987, p. 13), especificamente quando diz que “com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, ele assume conscientemente sua essencial condição humana”.

O trabalho com os gêneros textuais se justifica a partir das teorias apresentadas, apesar de em determinado momento a metodologia adotada foi a apresentação de textos como modelo e referência de gêneros textuais (o que não deixou de ser uma proposta prescritiva no

¹Com momentos de exposições orais; leitura e análise de textos científicos e literários; pesquisa bibliográfica em fontes diversas (livros, revistas, sites) sobre gêneros discursivos; orientações gerais e específicas para a elaboração de contos, crônicas, reportagem, poemas e outros gêneros; produção de alguns gêneros e a organização de um portfólio com todos os textos produzidos durante o semestre.

ensino da língua), mas essa prática não sentenciou que aquele texto era a única possibilidade de escrita.

Todos os textos se manifestam sempre num ou outro gênero textual, assim um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão. Quanto a concepção de gênero textual adotamos a apresentada por Marcuschi¹,

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (2014, p. 4)

Novas formas de discurso na comunicação vão surgindo a cada época, sua designação concreta abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado, determinada pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função. Essas realizações linguísticas são definidas por suas propriedades sócio-comunicativas.

Assim, a primeira proposição de escrita foi orientada com ênfase na produção de um texto em que estivesse inserido um dos eventos discursivos, dentre uma lista de discursos de mulheres que combativamente caminharam contra a ideologia da opressão.

Em Bronckart (1999, p. 75) texto é definido como toda a unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). Sendo assim, elegemos os textos abaixo apresentados para o estabelecimento de diálogos, com vista a interpretação e produção,

Não ame por beleza, pois um dia ela acaba, não ame por admiração, pois um dia posso te decepcionar. Ame apenas, pois o tempo nunca poderá apagar um amor sem explicação. (Madre Tereza de Calcutá).

Tem sempre presente que a pele se enruga, que o cabelo se torna branco, que os dias se convertem em anos, mas o mais importante não muda: tua força interior. (Madre Tereza de Calcutá).

Todas as nossas palavras serão inúteis se não brotarem do fundo do coração. As palavras que não dão luz aumentam a escuridão. (Madre Tereza de Calcutá).

¹http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/e107_files/downloads/formacoes/generos_-_marcuschi.doc

O amor jamais reclama, dá sempre. O amor tolera, jamais se irrita, nunca se vinga. (Indira Gandhi).

As infinitas maravilhas do universo são a nós reveladas na medida exata em que nos tornamos capazes de percebê-las. A agudeza da nossa visão não depende do quanto podemos ver, mas do quanto sentimos. (Helem Keller).

Procuo suportar todos os dias minha própria personalidade renovada despencando dentro de mim tudo que é velho e morto. (Cora Coralina).

Se temos que esperar que seja para colher a semente boa que lançamos hoje no solo da vida. Se for para semear, então que seja para produzir milhões de sorrisos, de solidariedade e amizade. (Cora Coralina).

Feliz aquele que ensina o que sabe e aprende o que ensina. (Cora Coralina).

Educação, para mim, é botar dentro do indivíduo, além do esqueleto de ossos que já possui, uma estrutura de sentimentos em esqueleto. O entendimento na base do amor. (Cecília Meirelles).

Na interlocução dos discentes com os textos, no primeiro momento a atitude foi de admiração pelas ideologias defendidas pelas enunciadoras; posteriormente, a percepção da intertextualidade (implícita), especificamente entre os textos de Indira Gandhi com as epístolas (cartas) do apóstolo Paulo e dos textos de Cora Coralina com os textos e ideias de Paulo Freire.

As exposições e argumentos das produtoras e dos leitores possibilitaram que discutíssemos acerca da enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, assim se as ideias são de natureza social, portanto são ideológicas. E nos textos apresentados ao grupo todos tinham como ideal comum a valorização do amor e da solidariedade. O que nos faz compreender que as ideias não existem fora de um contexto social, uma vez que cada locutor tem um horizonte social. (BAKHTIN, 2006).

Os textos eleitos para análise e como pretexto para a escrita estão situados em um período histórico, século XX, em um período que houve inúmeros avanços tecnológicos, conquistas e conflitos entre nações do ocidente com o oriente. Esse período foi descrito por historiadores e críticos com a época dos grandes massacres e século sangrento, por termos como marcas as atrocidades da primeira e a segunda guerra mundial.

O reflexo dessas ações é tratado pelas enunciadoras em seus discursos em oposição, defendendo a adoção de ações altruístas, a solidariedade e a fraternidade.

Segundo Bakhtin (2003), o dialogismo e a heteroglossia podem ser analisados no discurso, quando diferentes olhares no mundo são integrados a ele através de variados discursos. As linguagens e os pontos de vista se mesclam e torna-se impossível separá-los. A

linguagem é uma imagem que adota diferentes significados e se abre sempre a novas interpretações.

A partir das leituras e análises dos discursos, todos foram convidados a produzir um texto utilizando um dos trechos apresentados.

No texto intitulado *Amor – a essência da vida*, na sua composição a enunciadora (discente do curso de Pedagogia) conduz o leitor a uma exposição e argumentação acerca do amor, a partir da sua interação com o texto “Não ame por beleza, pois um dia ela acaba, não ame por admiração, pois um dia posso te decepcionar. Ame apenas, pois o tempo nunca poderá apagar um amor sem explicação.”(Madre Teresa de Calcutá). Assim, utilizando da exposição e da argumentação para a estruturação do gênero textual - Ensaio, a enunciadora sistematiza.

AMOR - A essência da vida

Um ponto delicado sobre os sentimentos é o amor, não o amor no sentido vulgar como tem sido empregado, mas o amor como um sol que condensa e reúne em seu ardente fogo todas as forças, até as sobre-humanas para que o calor não se evada.

O amor, na Essência Divina que todos deveríamos ter no coração, a centelha do Fogo Sagrado que faz com que amemos ao próximo, sendo leal, honesto, consciencioso; “amar ao próximo como a ti mesmo”. O amor pode ser demonstrado em pequenas atitudes, como proferir palavras de esperança e conforto aos que padecem.

Enganados estão aqueles que acreditam que ter mansões, propriedades, dinheiro no banco consegue o amor. Os bens materiais podem trazer bem estar físico, proporcionar conforto, mas não garante ser estimado. Amor não se compra, ele é e deve ser compartilhado e alimentado todos os dias.

Se deixarmos que esse sentimento seja o nosso alicerce, a força impulsionadora, poderemos também fazer brotar aos que nos cercam essa essência da vida. Como dizia Madre Tereza de Calcutá, "Não ame pela beleza, pois um dia ela acaba. Não ame por admiração, pois um dia você se decepcionará [...] ame apenas, pois o tempo nunca pode acabar com o amor sem explicação."(Maria de Lourdes Marques da Silva, 2011).

O diálogo entre os textos, os apresentados como pretexto e o produzido pela estudante promove o encontro do “eu”, neste caso, do leitor com o “outro”, o enunciador no processo em que o discurso da leitora torna-se público. Assim, o ensaio apresentado pela discente reafirma os demais discursos.

O ensaio *AMOR - A essência da vida* está situado estilisticamente entre o poético e o didático, uma vez que a autora de forma breve apresenta suas ideias e reflexões morais e filosóficas a respeito do amor. As exposições e argumentações são defendidas de um ponto de vista pessoal e subjetivo.

Nesse sentido, o gênero textual caracteriza-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. O mesmo texto poderia ser apresentado em verso, mas o gênero continuaria sendo um ensaio.

O professor de língua portuguesa deve insistir na prática de uma escrita em que o discente tenha consciência das funções comunicativas daquele gênero. O sujeito, na perspectiva Bakhtiniana, é um ser discursivo, que se constitui na e pela linguagem, tendo o outro como referência em suas interações. O sujeito se constitui como tal à medida que interage com os outros, suas produções discursivas resultam deste mesmo processo no qual o sujeito internaliza a linguagem e constitui-se como ser social. Isto implica em dizer que não há um sujeito pronto, mas um sujeito que se completa e se constitui nas suas falas e nas falas dos outros.

Quanto ao estudo da narração no discurso, realizamos a leitura de contos, fábulas e crônicas. Optamos por esses gêneros por serem predominantes os elementos estruturais e estilísticos comuns a essa tipologia textual, como: o tempo cronológico e psicológico, o lugar (espaço físico e/ou psicológico), os discursos direto e/ou indireto.

Dentre os textos apresentados, que tiveram como modalidade discursiva a narração, elegemos, como exemplo, o texto *A Reunião dos Sentimentos*, classificando-o como Fábula.

A Reunião dos sentimentos

Um dia a Loucura resolveu convidar os amigos para tomarem um café em sua casa. Todos os convidados foram. Após tomarem o café, a Loucura propôs:

- Vamos brincar de esconde-esconde?

- O que é isso? Perguntou a Curiosidade.

- Esconde-esconde é uma brincadeira em que eu conto até cem, vocês se escondem e eu vou procurar. O primeiro a ser encontrado será o próximo a contar e a procurar..

A maioria aceitou menos o Medo e a Preguiça.

- 1,2,...a Loucura começou a contar

A Pressa se escondeu primeiro em qualquer lugar.

A Timidez, tímida como sempre, escondeu na copa da árvore.

A Alegria correu para o meio do jardim. Já a Tristeza começou a chorar, pois não achava um local apropriado para se esconder.

A Inveja acompanhou o Triunfo e se escondeu perto dele, debaixo de uma pedra.

A Loucura continuava a contar e os seus amigos iam se escondendo.

- O que faço? O que eu faço? Gritou o Desespero, desesperado ao ver a Loucura que já estava em noventa e nove.

- Cem! Gritou a Loucura e começou a procurar.

A primeira a aparecer foi a Curiosidade, que não aguentava mais esperar, querendo saber quem seria o próximo a contar.

Ao olhar para o lado, a Loucura viu a Dúvida em cima do muro dizendo: - O que eu faço, em qual lado devo me esconder?

Ela estava em dúvida sem saber qual lado seria melhor e na dúvida ficou em cima do muro.

E assim foi aparecendo a Alegria, a Tristeza, a Timidez...

Quando estavam todos reunidos a Curiosidade perguntou:

- Onde está o Amor?

Ninguém o tinha visto, a Loucura começou a procurar, procurou em cima da montanha, nos rios, debaixo das pedras e nada. O Amor tinha desaparecido.

Passado um tempo a Loucura viu uma roseira, pegou um pauzinho e começou o procurar entre os galhos, e de repente ouviu-se um grito.

- Ai, ui, ai, meu Deus! Tá doendo. Era o Amor gritando por ter furado os olhos.

A Loucura não sabia o que fazer, então, pediu desculpas. Implorou pelo perdão do Amor e falou: - Eu cuido de você, prometo te servir para sempre!

- Tudo bem, eu te perdoo, mas, por favor, nunca me deixe só.

Desde então, e até hoje...

O amor é cego e a loucura sempre o acompanha.

(Elicélia Miranda Cangussu Dias, 2011).

O gênero textual fábula é um texto de caráter fantástico que busca ser inverossímil. As personagens não são humanas, mas apresentam atitudes e sentimentos humanos. Esse gênero tem como finalidade transmitir uma lição de moral.

Quanto a este último aspecto, é bom lembrar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que a forma deva ser desprezada.

O texto começa com a marca de temporalidade [um dia], em seguida apresenta as personagens e as ações realizadas por cada uma, e poderia classificá-lo como conto; entretanto no desfecho há uma afirmação, com uma intencionalidade, de aconselhar acerca das armadilhas do amor, uma vez que “o Amor é cego e está sempre acompanhado pela Loucura”, ideologia presente no gênero fábula.

O texto ao ser apresentado foi muito elogiado pelos demais discentes. A partir desse texto foram estudados mais amiúde os tipos de discursos, um dos elementos estruturantes nesse gênero.

O texto *A Reunião dos sentimentos*, quanto à modalidade discursiva (a narração) e a ideologia presente, a defesa de que amar inviabiliza ver com objetividade, o que pode conduzir a atitudes insensatas. Este texto nos remete a um outro texto, uma intertextualidade implícita como texto *A ilha dos Sentimentos*, de Reinilson Câmara, neste último o enunciador encerra a narrativa com a assertiva: “ só o Tempo é capaz de entender o Amor”, enquanto aquele diz que “o Amor é cego e está sempre acompanhado pela Loucura”. Uma forma de falar das emoções humanas por meio de metáforas, atribuindo valores semânticos diferentes a um mesmo sentimento.

Nesses exemplos podemos perceber a dialética bakhtiana, em que um discurso sempre tem origem em outro discurso e, por sua vez, dará origem a um novo discurso, pois todo discurso está em constante diálogo com outros discursos.

Ao trabalhar com o gênero textual crônica, elegemos alguns textos, que por serem relevantes para a compreensão da didática adotada, iremos enumerá-los: *O gigolô das palavras*, *O lixo* e *O Nariz*, de Luís Fernando Verissimo; *O padeiro*, de Rubem Braga e *Quando comecei a escrever*, de Carlos Drummond de Andrade.

Dentre os gêneros estudados a crônica foi o eleito como o mais envolvente pelos discentes. Acreditamos que a aceitabilidade desse evento textual está relacionada ao seu caráter informal, breve e por tratar de questões da vida cotidiana, com linguagem coloquial. Outros fatores determinantes na identificação dos leitores com esse gênero foram a sátira, o humor e a denúncia, o que permite ao enunciador apresentar uma visão pessoal do evento. Outro aspecto a ser considerado é que a crônica é veicula em diversos suportes, como seção ou coluna de jornal, revistas e em programas de televisão, tornando-o bastante acessível.

A crônica pode ter como modalidade discursiva a exposição e/ou argumentação e, a depender do tema, momentos narrativos e manifestos descritivos.

O texto *A rotina* elaborado pela discente Cláudia Chaves Guedes da Silva é um bom exemplo para a observação da presença da narração e da exposição em um mesmo gênero.

A ROTINA

Todos os dias acordo às quatro horas da manhã, ou melhor, sou acordada pelos pescadores que insistentemente batem nas portas e gritam:

- João, tá na hora de ganhar o dinheiro do pão!

- José, levanta e vai fazer o café!

- Juraci, chega de dormir. Tá na hora de partir. Anda logo, a maré vai vazar!

Tanto na minha casa como nas demais, o dia começa mais cedo.

Penso em mudar daquele lugar. Humm!e dormir até mais tarde...

Mas, logo esse desejo vai embora, não suporto a ideia de ficar longe das pessoas, do barulho do mar. Sei que lugar melhor não há para morar, Alcobaça é lá que vou ficar.

Para a produção dessa crônica, a autora buscou no seu contexto uma visão pessoal acerca do incômodo de ser acordada nas madrugadas, da impossibilidade de mudar a situação, uma vez que é casada com pescador que tem uma dinâmica/rotina diferente da dela.

A crônica apresentada é narrada na primeira pessoa, colocando a enunciativa desse discurso em diálogo com o leitor, uma vez que é exposta a sua ideologia, pois a exposição e/ou a argumentação é apresentada de uma forma subjetiva, revelando os valores atribuídos

pela enunciadora aos acontecimentos que a cercam, possibilitando que as ideias sejam apreciadas como verossímeis, apesar da crônica ser classificada como um texto ficcional.

Entretanto, é bom alertar que nem sempre o enunciador poderá apresentar o evento de forma tão pessoal, a depender do suporte ou do ambiente em que o texto for divulgado. Assim, uma crônica poderá tratar de fatos políticos, futebolísticos, adotando também como modalidade a descrição, a narração junto à argumentação ou a exposição.

Essa funcionalidade da escrita nos permitiu visualizar a dimensão de sua forma de realização e apresentação, constatando que não existe uma única maneira de expressar o discurso, pois “pela linguagem pode-se informar, avisar, advertir, anunciar, descrever, explicar, comentar, opinar, argumentar, instruir, resumir, documentar, fazer literatura, organizar, registrar e divulgar o conhecimento produzido pelo grupo”. (ANTUNES, 2010, p. 48).

A interlocução dos educandos com os gêneros textuais em sala de aula foi uma oportunidade ímpar para a reflexão acerca das funções da linguagem, dos sujeitos dos discursos, da intencionalidade do texto, da situação em que estes foram construídos e dos significados a eles agregados.

É evidente que em todos os gêneros também estão se realizando tipos textuais, podendo ocorrer que em um mesmo gênero haja dois ou mais tipos. Assim, um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo). Veja-se o caso da crônica apresentada abaixo, que contém uma sequência narrativa [um dia eu estava sentada na sala de espera], uma argumentação [É, a idade chega para todos], uma descrição [este homem grisalho, meio calvo, com o rosto profundamente marcado pelas rugas].

O Tempo passa para todos

Quando você encontrar alguém da sua época que não ver há muito tempo e achá-lo(a) velho(a) e acabado(a), corra para o espelho e faça uma autocrítica...

Um dia eu estava sentada na sala de espera, era minha primeira consulta com o dentista que chegara à cidade. Quando observei o diploma dele que estava pendurado na parede, vi que tinha algo de familiar. De repente me lembrei de um rapazinho moreno, alto, que tinha esse mesmo nome, era da minha classe do colegial, há 40 anos. E pensei, será possível que é o mesmo rapaz por quem me apaixonei naquela época.

Quando entrei no consultório, imediatamente afastei esse pensamento da minha mente. Este homem grisalho, meio calvo, com o rosto profundamente marcado pelas rugas. Não! Era demasiadamente velho para ter sido o meu amor platônico...

Depois que ele examinou a minha boca, perguntei:

- _ Você estudou no Colégio Estadual Central?
- _ Sim, respondeu ele.
- _ Quando se formou?
- _ Em 1966. Mas por que a pergunta?
- _ Eh... bem... você era da minha classe.

Ai, então, aquele velho horroroso, anormal, cretino, tremendo filho de uma p.... Virou para mim e perguntou:

— A senhora era professora de que???

— É a idade chega para todos!

“Por isso tenha sempre em mente que a pele se enruga, que os cabelos se tornam brancos, que os dias se convertem em anos, mas o mais importante não muda. Tua força e tua convicção não tem idade”. (conforme Madre Teresa de Calcutá). (Elicélia Miranda Cangussu Dias, 2011).

Trazemos, assim, a compreensão de Bakhtin (2006) quando ele diz que a comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em evolução. Assim, temos os tipos de textos que abarcam algumas categorias e os gêneros textuais que se constituem como textos empiricamente produzidos, cumprindo funções em determinada situação comunicativa. Como exemplo, a forma humorada como o envelhecimento, fato inadiável, é apresentado pela autora e de como a percepção da velhice do outro é bem distante da percepção do seu próprio envelhecimento.

Ao gênero conto também foi dedicado um tempo para a leitura de alguns, entre eles, *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector; *O homem e galinha*, de Ruth Rocha, *Será que conhecemos as pessoas com as quais convivemos*, de Carlos Drummond de Andrade e o texto *A Pesca*, de Affonso Romano de Sant’Anna.

O conto é um gênero textual que tem como sequência estrutural a predominância da narração. Nesse gênero a narrativa é breve e de ficção, geralmente em prosa. Os tempos verbais são importantes para a construção e a interpretação dos contos. Os pretéritos perfeitos e imperfeitos predominam na narrativa, enquanto o presente aparece no diálogo e nas descrições. Os personagens são apresentados mediante um artigo indefinido.

Todo conto tem ação central, núcleo narrativo, estabelecendo relação causal e há a presença do suspense. A descrição é utilizada na apresentação dos personagens, do tempo e do lugar.

O conto possui várias modalidades: o conto de fadas, que envolve personagens do mundo da fantasia, conto de aventura, que envolve personagens de um contexto mais próximo da realidade, conto folclórico (também denominados de contos populares), conto de terror ou de mistério, que se desenrola em contexto sombrio, conto cômico, conto realista e conto psicológico.

Quanto ao conto *O Homem e a galinha*, de Ruth Rocha foi importante estudá-lo para que os discentes entendessem que a sua estrutura está em estrofes, por seu caráter estético não

seria classificado como conto, mas o discurso nele presente é a narração de um homem e uma mulher que tinham uma galinha que punha ovos de ouro e que por não tratá-la com dignidade ela vai embora.

Nesse sentido, esse texto apresenta uma configuração híbrida, tendo o formato de um poema, mas o gênero é o conto. Esse fenômeno se configura como uma estrutura inter-gêneros de natureza híbrida, ele também é uma releitura da fábula de Esopo, “A galinha e os ovos de ouro”, no qual a autora se inspira e extrai elementos, conforme fragmentos dos dois textos citados:

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.
Era uma galinha como as outras.
Um dia a galinha botou um ovo de ouro.
O homem ficou contente. Chamou a mulher:
- Olha o ovo que a galinha botou. (...) (Ruth Rocha)

Um camponês e sua esposa possuíam uma galinha, que todo dia, sem falta, botava um ovo de ouro.
No entanto, motivados pela ganância, e supondo que dentro dela deveria haver uma grande quantidade de ouro, eles então resolveram sacrificar o pobre animal, para, enfim, pegar tudo de uma só vez.
Então, para surpresa dos dois, viram que a ave em nada era diferente das outras galinhas de sua espécie.
Assim, o casal de tolos, desejando enriquecer de uma só vez, acaba por perder o ganho diário que já tinham, de boa sorte, assegurado.
A Ganância é inimiga da sensatez. (Esopo)

Essa característica é apresentada nos estudos de Marcuschi (2014) como “intertextualidade inter-gêneros” para designar o aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro, o conto, apresentado em prosa, assume o lugar da fábula.

Quanto à hibridização ou mescla de gêneros textuais, podemos, a partir de Bakhtin (2003, p. 294) retomar esse fenômeno, quando ele diz que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. Nos dois aspectos finais, a palavra é expressiva, mas essa expressão não pertence à própria palavra: ela nasce no ponto de contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual.

No texto “A pesca” também há a intertextualidade inter-gênero. O gênero é um conto, mas está estruturado em versos; entretanto, o enunciador utiliza da modalidade narração, sem a utilização de verbos, mas os artigos e substantivos, de acordo a sequência que

são organizados e apresentados, narram um episódio, a pesca, que conduz o leitor à possibilidade de imaginar todas as ações realizadas, desde lançar o anzol na água até a fígada e retirada do peixe.

A partir dos textos lidos e analisados foi proposto à turma que elaborasse um gênero discursivo, conto. Todos escreveram os contos em prosa, por ser essa estrutura a predominante nesse gênero. Seleccionamos o texto *Vida de brinquedo* de Charlyneia Alves do Nascimento como material para o estudo do respectivo gênero junto aos demais discentes.

Vida de brinquedo

Estou aqui na prateleira em um grande corredor, na seção de brinquedos de uma loja de variedades. Sou um carrinho com funções automáticas e como os demais brinquedos ansioso para ser levado para casa.

- Opa, esperem! Vem vindo alguém.

Começa na prateleira uma grande agitação, todos os brinquedos gritavam ao mesmo tempo: - Olha eu aqui! - Sou eu que você quer levar! Mas, a criança que se aproximava com os cabelos bem penteados, vestia uma camisa alinhada, uma calça social e usava sapatos que pareciam incomodar os seus pés, olhava fixamente com um brilho encantador em minha direção, e logo atrás do menino, surgiu uma figura, era uma mulher, alta e muito elegante, e com uma voz carinhosa e decidida perguntou:

- Meu amor, é esse o carrinho que você quer? E a crianças assentiu com um gesto de cabeça. Foi um momento de muita felicidade. Eu não sabia quem estava mais feliz, eu ou a criança.

Os dias passavam, e eu era levado de cá para lá, de lá para cá, meu dono tanto brincava comigo como me emprestava para seus amiguinhos. E, algo previsto aconteceu, minhas rodinhas se soltaram e fui colocado de lado.

Meu destino vocês já podem imaginar, fui parar em uma lixeira com vários brinquedos quebrados, e quando dei por mim já me encontrava em um lixão. Sentia-me como um verdadeiro lixo, pois já não servia para mais nada.

Naquele lugar horrível ouvi passos, pensei que estava vendo e imaginando coisas - alucinações. Não, não era devaneio, era uma criança com um aspecto bem diferente do meu antigo dono. Era um menino franzino, tinha os cabelos despenteados, acinzentados pela poeira, não possuía nem chinelos, muito menos sapatos que lhes incomodassem os pés, seu tórax descoberto aceitava o calor do sol e leveza do vento que lhe tocava a pele, no olhar a luz sombria de uma vida sofrida e a vontade de viver a sua infância. De repente ele me toma em suas pequenas mãos calejadas pelo trabalho, e correndo os olhos por várias partes do lixão, começou a pegar objetos e fazer de mim um novo carrinho.

Depois de todo aquele trabalho, verificou o que criara e me abraçou fortemente e eu pude escutar as batidas aceleradas do seu coração. Foi aí que comecei a perceber que para aquela criança eu não era apenas um brinquedo, era bem mais do que isso, era o seu amigo, um confidente, um companheiro. Passei a fazer da vida daquele garoto.

Hoje me encontro em uma prateleira, não de uma loja de variedades, mas na casa de um grande homem que se tornou o maior inventor de brinquedos e realizador de sonhos de milhões de crianças do mundo.

Escrever é parte de um projeto pessoal e não é apenas uma representação gráfica, atua como elemento formador da consciência política e socialização da cultura. Segundo

Bakhtin (2006) um espaço onde o sujeito escreve a sua palavra e esta deve estar articulada a sua experiência. Assim escrever um texto é criar um evento de interação e de comunicação.

A autora do texto *Vida de brinquedo* socializou com os seus discentes, alunos do 2º ano do ensino fundamental, o seu conto, e em seu depoimento ela disse que as crianças se emocionaram, e ansiosos torciam para que o brinquedo tivesse um final feliz.

Gradativamente, a compreensão de que todos os textos se manifestam sempre em um ou em outro gênero textual foi sendo apreendida. Intencionalmente priorizamos gêneros literários, por serem os textos técnicos e científicos os eleitos nos estudos dos outros componentes. Quanto à forma como os gêneros podem ser moldados não é tão variável, como já foi abordado, um gênero pode ser estruturado a partir de sequências narrativas, descritivas, expositivas, argumentativas e injuntivas. E a depender do conteúdo a ser tratado um gênero poderá ser arquitetado com dois ou mais tipos de textos. Assim, propusemos à turma a produção de textos estruturados com sequências argumentativas e/ou expositivas, quanto ao gênero textual, eles iriam escolher o que mais atenderia ao seu discurso. A estudante Milene Correia de Oliveira trouxe como assunto o suicídio do irmão, e aproveita para fazer denúncias e apela pela fiscalização da venda de raticidas em supermercados, conforme exposição no texto *Triste fim*.

Triste Fim

Já é madrugada, o sol se estica para nos acordar. Levanto e tento recomençar o que deixei para trás. Inicio a rotina, entrego-me a ela.

O dia tem cara de novidade, parece que hoje vai ser diferente, tudo vai dar certo...

Mas, sem nenhuma explicação nossos olhares se perderam, por medo, talvez, não sei ao certo. Sem despedidas, sem adeus nossas almas repentinamente se separaram.

Ele com apenas um gole a morte abraçou, sem forças para lutar, como um rato buscou no "chumbinho" a cura para a sua depressão. No raticida que camufladamente estava disposto na loja da esquina viu o antídoto para sua dor.

A morte de um jovem é aceita como mais uma fatalidade e sob os olhos da justiça, o veneno continua sendo vendido. Há leis que proíbem a sua comercialização, mas as autoridades fingem que não sabem.

O século XXI continua sendo o século da desgraça e da impunidade, as estatísticas crescentes e alarmantes de suicídios denunciam a omissão das autoridades e da sociedade. E, as pobres mães se dão conta de que o amor nunca é demais e que educam seus filhos para vida, no entanto, perdem eles para a morte.

O dia findou e junto com os últimos raios de sol se foi o brilho de uma estrela. (Texto dedicado à memória de Niu / Fevereiro de 2011).

Nesse texto a autora apresenta um saber construído e legitimado por uma experiência. Apresenta informações sobre o ocorrido, expõe, explica, descreve e avalia de modo objetivo e no desfecho denuncia; apontando as causas do triste fim de seu irmão. Há nesse gênero textual predominantemente a narração, o fato ocorrido que se deu com

determinado sujeito, em um lugar, em um momento da vida da personagem Niu. O episódio aconteceu há algum tempo (não foi mencionado), mas a comunicação é atualizada por meio de seu registro. O tempo exato da ocorrência não é mencionado, mas a causa da morte de Niu é apresentada. Conseqüentemente, o relato desse fato, categoriza esse gênero textual como noticiário ou notícia.

A ação da escrita contém em si própria um aspecto que é transmitir e concretizar o conhecimento, instituindo-se em uma ação formadora, tanto para quem escreve quanto para quem lê. De acordo com Soares (1999), escrever exige de cada um organização do pensamento expresso em um texto e por ser esse texto carregado de ideologia e estabelecer uma relação com os demais textos, Bakhtin (2006) vai denominar de enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social”. Há sempre um interlocutor, ao menos em potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido.

A escrita, desta forma, é uma atividade que não se centra em si mesma, mas atende a propósitos, em que as pessoas escrevem para obterem informações e também para transmitir.

Ainda apresentando as possibilidades de escrita em que se estrutura na modalidade discursiva narrativa, apresentamos para o grupo anedotas/piadas, a que escolhemos como referencial foi o texto *Um pra mim, um pra você*. A piada é um texto narrativo curto, de final engraçado e, às vezes, surpreendente, cujo objetivo é provocar risos em quem a ouve ou lê. De veiculação oral, dificilmente é atribuída à piada uma autoria.

Como já abordamos, os gêneros textuais não se caracterizam como formas estruturais fixas. Os gêneros são eventos "relativamente estáveis" de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. São muito mais famílias de textos com uma série de semelhanças. Nesse sentido, a graça, o humor que o gênero piada poderá provocar poderá variar, pois está condiciona a cultura. O que é engraçado para um povo pode não ser para outro.

Todos os discentes conseguiram produzir textos e suas produções foram analisadas quanto aos aspectos gramaticais, à coesão e aos semânticos, isto é, a coerência. E quanto aos fatores pragmáticos, observamos a presença da intertextualidade, uma vez que textos populares, especificamente piadas ouvidas por eles na infância foram reescritas. Assim, temos como exemplo o texto de Sirlane Franco de Carvalho Nunes e Silvane dos Reis Franco Nascimento,

Os bêbados

Num sábado à noite, três compadres saíram em direção a uma festa na fazenda do vizinho.

Para chegar ao destino teriam que passar em cima de uma pinguela, um tronco de árvore que unia as duas margens do rio.

E lá foram eles. Como era noite e não era lua cheia, um deles falou:

- Eu não vou conseguir esse tronco é estreito e escorregadio.

O outro imediatamente respondeu: - Já sei, vamos passar engatinhando.

Todos concordaram e com muito cuidado atravessaram para o outro lado.

Finalmente chegaram à festa, uma cachaça aqui, outra ali... Beberam até se fartarem, e à meia noite, os três "alegremente" retornaram para casa...

No dia seguinte os três se olhavam e se perguntavam, como chegaram em casa e como passaram na pinguela.

Não se lembravam de nada... A única certeza é que atravessaram, pois não havia outro caminho.

A maioria das produções foi realizada individualmente, para que cada discente fosse compreendendo a função social da escrita e se apropriando dessa competência, a partir da avaliação de suas dificuldades para que pudesse avançar.

É esta possibilidade de operação e maleabilidade que dá aos gêneros a capacidade de adaptação e ausência de rigidez é o que faz com que o gênero seja uma "ação social", o que possibilita ao produtor de texto mais autonomia quanto à escolha do discurso textual a ser utilizado. A escolha do gênero de acordo a sua função, intenção e interesse de quem o produz, não se limitando aos aspectos formais. Contudo, não devemos ignorar que ele é importante, o próprio Bakhtin (2003) indicava a "construção composicional", ao lado do "conteúdo temático" e do "estilo" como as três características dos gêneros.

Seguindo adiante com as experiências do trabalho com a leitura e a escrita a partir do estudo dos gêneros textuais, apresentamos para a turma uma lista de provérbios. E a lista foi ampliada pelo vasto conhecimento que o grupo tinha acerca desse gênero. Pois, o provérbio é compacto, fácil de ser memorizado, atemporal e pretende veicular uma verdade inquestionável.

Assim, todos têm domínio sobre os provérbios, na perspectiva de que todos os utilizam inúmeras vezes, com diversas finalidades, tornando-se dessa forma propagador desse tipo de sabedoria popular. Como poderemos perceber no texto "Errar é humano", nota-se que este é um provérbio de estrutura pequena e de linguagem simples, expressa de maneira compreensível uma sentença como verdade, pois todos os seres humanos estão sujeitos a erros.

O provérbio se refere a situações sociais e étnicas, contendo prescrições e interdições, normas de conduta; portanto, alguns dos provérbios sofrem alterações nos

sentidos ou podem ser contestados no decorrer da evolução das ideias, do mundo, da cultura, da história, como no caso dos provérbios parodiados.

Há pouca aplicação de práticas leitoras e produtoras de textos a partir de gêneros orais, pode-se perceber que os estudos nesta área não são tratados com muita frequência, conforme Marcuschi (2014), “os gêneros orais constroem-se a partir de uma consciência popular coletiva, a qual, em situações habituais se dirige sobre o que produz e o que vai produzir em dada situação comunicativa. Esses gêneros surgem a partir das relações comunicativas entre os falantes que delas participam, por isso a sua categorização deve ser feita com cautela.

O gênero textual provérbio possibilitou que os discentes mais tímidos e inseguros nas atividades de escrita se desafiassem. E o texto apresentado a seguir é estruturado a partir da narração e exposição dentre as modalidades discursivas, com a intencionalidade de apresentar uma relação de um fato ocorrido, explicado de forma criativa a partir do provérbio [que] a “beleza na põe mesa”.

Beleza não põe mesa

Na minha cidade sábado é dia de feira, vem os camponeses das redondezas com os seus produtos e tem os comerciantes de especiarias, de roupas e de cereais. Frutas como melancia, jacas, cocos, bananas são arrumadas no chão.

Naquele dia acordei com muita vontade de chupar melancia. E fui para a feira, saindo da rotina.

Na feira fui direto para a seção de frutas. Um calor infernal, sol de 38° às 10 horas, estávamos em pleno verão. Vi logo as melancias, e em volta da montanha de melancias muita gente.

Com água na boca e hipnotizada por uma melancia linda e enorme, perguntei o preço ao vendedor. Ele respondeu R\$ 7,00, pechinchei e ele prontamente abaixou o preço, falou: - pode levar por R\$ 5,00.

Abracei a melancia, paguei ao vendedor e fui para casa.

Cheguei em casa, lavei a melancia, peguei a faca e a cortei no meio.

Vermelhinha por dentro, retirei uma generosa fatia e abocanhei...

Decepção total! O gosto era amargo, a melancia já estava passada.

O verde reluzente era efeito dos adubos químicos.

Retornei a feira, fui em busca do vendedor, queria outra melancia ou o meu dinheiro de volta.

Ele já havia partido, todas as melancias tinham sido vendidas; assim como eu, muitas outras pessoas foram enganadas.

Nunca mais vi o vendedor. Dizem que ele continua no ramo, vendendo frutas por aí.

E quanto a mim, o que ficou foi o gosto amargo e a decepção. É, neste caso, beleza não põe mesa, como dizia a minha avó. (Maria Ester Oliveira Pinho, 2011).

Assim, podemos verificar, no texto acima, que o provérbio instaurou a coerência na narrativa, conduzindo a uma reflexão sobre o fato ocorrido, a compra de uma melancia que externamente apresentava aspectos de estava madura e que estava doce, no ponto para ser

degustada; mas para surpresa da enunciadora, a beleza externa não correspondia a essência da fruta, explicada por um saber de tradição oral, pertencente a todos, e que nesse relato/contexto linguístico se configurou como uma verdade.

Bakhtin considera que, mais importante do que reconhecer a forma utilizada, é entendê-la dentro do contexto, e perceber que essa significação varia de acordo com o uso social da palavra. Quando desvinculamos a palavra da realidade, usando-as apenas como pretexto para decorar regras gramaticais, como se a língua fosse um sistema abstrato de normas, ou quando restringimos a leitura de um texto a uma única interpretação, estamos impedindo que venha à tona uma infinidade de outros sentidos possíveis, dando às nossas aulas um caráter monológico.

O discente José Conceição também apresentou dificuldades na produção textual, seus textos, a princípio, eram sem coesão e sem progressão das ideias. Houve a necessidade de intervenções mais pontuais quanto aos aspectos gramaticais e semânticos.

O referido discente também se identificou com a produção de texto a partir do gênero provérbio. O resultado foi a escrita de um conto, que teve como ponto de partida esse gênero oral e da cultura popular. O provérbio “Vale quanto pesa, ou pesa quanto vale” foi o eleito por ele.

Vale quanto pesa

Fui para a feira com alguns trocados no bolso, queria comprar uma galinha caipira. Nada como saborear uma galinha ao molho cabidela no domingo.

Andava de um lado para o outro debaixo de um sol escaldante e não via nada. Naquele dia havia poucos camponeses no centro comercial.

Bem mais tarde encontrei Dona Maria com suas galinhas caipiras e alguns franguinhos, que mais pareciam pintinhos. As galinhas estavam com os papos a ponto de explodirem, a esganada da feirante, nas vésperas encheu as galinhas com milho para que elas ficassem bem "pesadinhas".

Cheguei perto e fiquei observando aquela mulher, era a única que tinha galináceos na feira, os olhos de Dona Maria brilhavam quando pesava uma galinha antes de entregar aos fregueses e falar o valor, pois via o ponteiro de sua balança saltar. Naquele negócio a mercadoria vale quanto pesa.

Vendo a esperteza dela comecei a negociar com ela, perguntei quanto custava cada galinha, ela me respondeu, não vendo por cabeça e sim no quilo. E não abaixou um centavo.

De grão em grão a galinha enche o papo, mas ali era de peso em peso Dona Maria enchia o bolso. Pechinchei, mas nada adiantou...

Os trocados que levava não deu para comprar uma galinha sequer, o jeito foi comprar um franguinho, entre os demais que pareciam implorar uníssonos: *eu, eu, eu...*

Voltei para casa, soltei o franguinho no quintal e fui alimentá-lo. Agora era esperar o pintinho crescer, porque negociar com D. Maria era missão impossível. (José Conceição, 2011).

Costa Val define texto ou discurso como “uma ocorrência linguística falada ou escrita de qualquer extensão dotada de unidade sócio-comunicativa semântica e formal”. (1991, p. 3). O texto é antes de qualquer coisa uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função sócio-comunicativa, tem o papel de produção, de registrar o que o sujeito pensa, de reprodução de saberes, possibilitando o acesso a informações, independente do tempo em que foi produzido, contudo não basta só escrever é preciso que o autor tenha domínio do que se faz.

A inter-relação entre leitor, texto e educador proporciona ao estudante refletir e perceber os fatos linguísticos que fazem parte da estruturação de cada gênero textual, os conteúdos e a intencionalidade de tal produção, sem excluir nessa dinâmica a receptividade dos diversos gêneros.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As aulas propiciaram a escrita de textos diversos, promovendo nos discentes práticas da comunicação verbal e o estudo da gramática do texto, inserido naturalmente na construção e análise de cada gênero, tendo como objetivo principal o estudo a língua em sua dimensão sócio-comunicativa.

As produções dos discentes foram apreciadas tanto no momento de produção quanto de sua conclusão, desde as primeiras tentativas até a escrita final (organizada e apresentada no portfólio), após as revisões e intervenções que se deram em todo o processo. Todas as produções textuais foram socializadas, tanto dos discentes como os da docente também.

A avaliação dos textos dos discentes foi feita atentando-se para os avanços e dificuldades encontrados por cada um (a), a partir de uma leitura circunstanciada, levando-se em consideração os seus processos de letramento.

A recepção e a interpretação dos gêneros discursivos nas aulas de Língua Portuguesa colaboraram para o desenvolvimento das competências linguísticas dos discentes de Pedagogia, no que tange a expressar com mais clareza, na acuidade de ouvir, na expressão oral e na interpretação e produção de textos.

Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais foi importante tanto para a produção como para a compreensão. Em certo sentido, é esta opinião que se acha nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1989), ao sugerir que o trabalho

com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos. E esta é também a proposta central desse dossiê, que pretendeu mostrar as produções dos discentes em diferentes gêneros, para que a didática do texto possa também aplicada por eles em suas salas de aula.

Marcuschi (2014) indaga se há gêneros textuais ideais para o ensino de língua. Ele mesmo responde que não. Mas, é provável que se possam identificar gêneros com dificuldades progressivas, do nível menos formal ao mais formal, do mais privado ao mais público e assim por diante. Na turma de Pedagogia o conto foi o considerado mais prazeroso de escrever, enquanto que o ensaio como o mais complexo, com maior grau de dificuldade.

As discussões apresentadas nesse texto visaram provocar indagações e apresentar alguns resultados, nesse sentido, defendemos que o estudo da língua a partir de gêneros discursivos contribuiu na formação leitora dos discentes e no exercício da escrita de forma mais autônoma e criativa. Sendo assim, defendemos que uma abordagem sócio-histórica da linguagem pressupõe uma idêntica abordagem do processo educativo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandê. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1989.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDU, 1999.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fonte, 1991.
- FREIRE, Paulo R.A **importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2 ed. Cascavel – PR: Assoeste, 1984.

KAUFMAN, Ana Maria e RODRIGUEZ, N. E. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de gêneros e compreensão**. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. Disponível em: http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/e107_files/downloads/formacoes/generos_marcuschi.doc. Acesso em fev. 2014.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.